

---

## "Pastor Cláudio": realidade social em questão no cinema e jornalismo<sup>1</sup>

Gilmar Adolfo Hermes  
Universidade Federal de Pelotas

### Resumo

Observa-se semioticamente como o jornalista Luiz Carlos Merten cria uma identidade profissional através dos procedimentos retóricos ao longo dos seus textos sobre filmes nacionais, no jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua prática de jornalismo cultural. Sua principal estratégia retórica, entre outras, consiste em produzir identificação com os leitores através de signos que produzem sentido sobre a realidade social em que ocorre a produção e consumo de filmes. Neste texto é analisada a reportagem *'Pastor Cláudio' expõe crimes da ditadura militar*, tratando do filme documentário que dá visibilidade às questões de memória, produzindo uma nova semiose ou ação sígnica em torno da compreensão do período histórico da ditadura militar.

### Palavras-chave

Semiótica; jornalismo cultural; cinema; documentário; ditadura militar.

Este artigo faz parte de uma pesquisa sobre os textos jornalísticos de autoria de Luiz Carlos Merten no jornal *O Estado de S. Paulo* sobre filmes brasileiros entre os anos de 2018 e 2019. Além de estudar a produção cinematográfica brasileira recente, busca-se observar semioticamente como o jornalista cria uma identidade profissional através dos procedimentos retóricos e escolhas semióticas ao longo dos seus textos, caracterizando uma prática específica de jornalismo cultural.

Está sendo levada em conta a produção particular de um jornalista que atua na área editorial de cinema, tratando-se assim da manifestação de uma identidade profissional através dos seus textos publicados. De acordo com a interpretação do autor Vincent Colapietro (2014), em uma abordagem semiótica, o *self* – ou a identidade – manifesta-se como um signo, sendo a manifestação do sujeito ou agente sobretudo um fenômeno de comunicação.

A principal atitude retórica do autor em questão são os processos de identificação empreendidos pelas semioses<sup>2</sup> (produções de sentido) dos seus textos jornalísticos. Esse

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> No livro "A Teoria Geral dos Signos", a autora Lucia Santaella (2000) define a noção de semiose, a ação do signo: "O signo, por sua própria constituição, está fadado a germinar, crescer, desenvolver-se num interpretante (outro signo) que se desenvolverá em outro a assim indefinidamente. Evidencia-se aí a natureza inevitavelmente incompleta de

aspecto foi observado na análise apresentada no 41º Congresso Intercom (HERMES, 2018), entre outros estudos já realizados. Estão sendo levadas em conta as semioses dos textos do autor sobre os filmes em torno da realidade social, do enredo, dos processos criativos, dos personagens, atores, diretores, produções cinematográficas relacionadas etc.

Neste texto é analisada a reportagem específica *'Pastor Cláudio' expõe crimes da ditadura militar* (MERTEN, 2019). A matéria trata do filme documentário que estreou nas salas de exibição paulistas, dia 14 de março de 2019, tendo como principal assunto uma entrevista com o ex-delegado e agente do Serviço Nacional de Informações, Cláudio Guerra, hoje pastor.

O filme dá visibilidade às questões de memória, produzindo uma nova ação signífica em torno da compreensão do período da ditadura militar. Na mesma época da sua exibição, o tema foi alvo de ressignificação por parte presidente da República, Jair Bolsonaro, que propôs através de suas afirmações públicas outras semioses em torno do mesmo objeto. Há, assim, uma recente disputa semiótica na ressignificação deste período histórico.

Como é próprio dos textos jornalísticos, o jornalista Luiz Carlos Merten faz uso nesta reportagem de muitos sinsignos<sup>3</sup>, diversas ocorrências que contribuem para produzir sentidos sobre o filme. Além dos sinsignos inter-relacionados, há também argumentos, signos interpretantes, decorrentes da experiência do autor de assistir ao filme anteriormente e seus posicionamentos sobre o mesmo. O documentário aborda o período ditatorial através dos depoimentos do ex-delegado e agente do Serviço Nacional de Informações, Cláudio Guerra.

Os sinsignos vinculados à realidade social contribuem para um processo de identificação, tomando-se o contexto – desta vez permeado pela narrativa histórica - como

---

qualquer signo. Sua ação é a de crescer, desenvolvendo se num outro signo para o qual é transferido o facho da representação. Nessa medida, o interpretante realiza o processo de interpretação, ao mesmo tempo que herda do signo o vínculo da representação. Herdando esse vínculo, o interpretante gerará, por sua vez, um outro signo interpretante que levará à frente, numa corrente sem fim, o processo de crescimento.” (SANTAELLA, 2000, p.29)

<sup>3</sup> O tipo de signo definido por Charles Sanders Peirce (2000) como “sinsigno” é quando se apreende um signo, pensado em relação a si mesmo, mais do que as suas relações com o objeto ou o interpretante capazes de produzir, sobretudo quanto à “sua singularidade no aqui e agora da ação e reação perceptiva” (SANTAELLA, 2000, p.96). Por indicarem ocorrências em diversos contextos, os sinsignos podem ser considerados como o tipo de signo preferido das narrativas jornalísticas, voltadas à descrição dos acontecimentos. Também poderiam ser descritos como símbolos dicentes. As palavras são legissignos ou símbolos. Produzem semioses de acordo com os seus significados que as línguas convencionam. Mas em cada texto em que aparecem tendem a funcionar como sinsignos ou símbolos dicentes, pois o significado fica restrito ao contexto em que são atualizadas. Na narrativa jornalística, signos de origens diversas contribuem para a compreensão de um acontecimento específico em um contexto determinado.

um ponto em comum entre o jornalista, os cineastas e os leitores. Estando no gênero documentário, o filme e o texto jornalístico que o trata têm semioses orientadas de uma maneira ainda mais enfática para a realidade social. Neste texto, Merten descreve depoimentos que aparecem no filme, inclusive porque a técnica de entrevista – comum a jornalistas e documentaristas – consiste no procedimento principal dessa produção cinematográfica.

No texto jornalístico, somam-se como sinsignos os depoimentos da diretora Beth Formaggini, que produz interpretantes sobre o contexto político e social sobre o qual o documentário produz ações sígnicas. As falas transcritas da diretora apresentam o seu processo criativo e como ela chegou aos resultados apresentados ao público.

Outro procedimento retórico é quando Merten correlaciona esta produção com outro título em cartaz, o espanhol *O Silêncio dos Outros*, que trata da Lei da Anistia, que beneficiou os militares tanto na Espanha como no Brasil. Também retoma a importância de *Estado de Sítio*, o longa de Costa-Gravas sobre o envolvimento do FBI com a implementação de métodos de tortura na América Latina. Além disso a produção cinematográfica brasileira é associada ao tema com a menção do título específico de outro documentário, *Cidadão Boilesen*. Desta forma, é produzida identificação no contexto da produção e consumo cinematográficos.

Tanto o filme como o texto jornalístico podem ser compreendidos pela abordagem do autor John Durham Peters (1999) das “*dead letters*”, em seu livro *Speaking into the Air*, pela dificuldade vivenciada pelos comunicadores para de fato chegar às audiências e produzir uma reflexão crítica, especialmente com a atual disseminação multiplicada de mensagens, com a produção de semioses contraditórias.

O filme *Pastor Cláudio* entrou em cartaz justamente no mês de março de 2019, em que foram lembrados os 55 anos da ditadura militar, e quando ocorreram diversas tentativas governamentais de produzir semioses que contestam o caráter de “golpe” e “ditadura” que caracterizaram os 21 anos do regime.

### **1. Textos jornalísticos: manifestação de identidade profissional**

Buscando compreender a produção jornalística de Luiz Carlos Merten sobre cinema no jornal *O Estado de S. Paulo*, percebe-se seus textos como signos que são parte da manifestação de seu *self*, especialmente como um profissional da área de jornalismo cultural. Conforme Colapietro (2014), para um dos principais autores que conceberam as

---

teorias semióticas, Charles Sanders Peirce (1839-1914), o *self* consiste num signo que produz ações sígnicas em relação com outras mentes e outros signos. “O fato mais básico a respeito da pessoa humana é que ele ou ela é um ser *em comunicação com* outros seres ou, mais precisamente, um ser que possui a capacidade de estar em comunicação com outros.” (COLAPIETRO, 2014, p.78).

No contexto histórico em que viveu, Peirce teve a capacidade de ultrapassar as visões solipsistas, que concebiam a consciência como algo que se constitui de forma individualista, e que não compreendiam a comunicação como parte da constituição do *self* (PETERS, 1999). No entanto, em uma perspectiva comunicacional, o “*self* é alternadamente um falante e um ouvinte, uma fonte *de quem* o discurso flui e um ser *para quem* o discurso é dirigido. [...] [O] *self* como falante é alguém *através do qual* outros falam.” (COLAPIETRO, 2014, p.79) Esta concepção está em sintonia com as teorias construcionistas do jornalismo (TRAQUINA, 2004), que percebem a profissão do jornalista como resultado de uma ação conjunta entre profissionais, empresas, fontes, organizações sociopolíticas, leitores etc. O jornalista cultural produz o seu *self* especialmente inter-relacionado com os sujeitos produtores e consumidores de cinema, mas, na perspectiva do jornalismo com um agente democrático, deve estar predisposto à ampliação desse contexto interpretativo.

Do ponto de vista retórico, Merten busca estabelecer processos de identificação com seus leitores, principalmente situando as produções cinematográficas em relação à realidade social vivenciada por seu público. A realidade social, por sua vez, também é uma construção semiótica, a qual, em boa parte, compreendemos pelas semioses produzidas pela produção jornalística no seu conjunto. De certa forma, o jornalista especializado em cinema recorre às semioses produzidas pelas outras editoriais do jornal de forma a contextualizar os filmes em relação à realidade social, embora as vivências concretas dos leitores produzam semioses neste sentido. Os dois principais agentes – em primeiro momento – são o jornalista e seus leitores. Mas deve-se considerar que a ação do jornalista é constituída num relacionamento crítico com vários outros agentes – a empresa jornalística, os diversos profissionais da área cinematográfica etc.

Em seu texto *C. S. Peirce’s Rhetorical Turn*, Colapietro (2007) elucida que Peirce concebeu a retórica relacionada às noções de identidade e comunicação. Ao estabelecer conexões da teoria peirceana com a abordagem retórica contemporânea feita por Kenneth Burke (1897-1993), Colapietro compreende que a retórica está relacionada a processos

---

discursivos e outros de identificação, pelos quais os agentes criam sua autocompreensão e autocrítica, de maneira a se constituírem e se transformarem. Na perspectiva peirceana, segundo Colapietro, mais do que a função persuasiva, a função de identificação é a mais importante para a retórica. Neste sentido, a elaboração retórica consiste, na perspectiva peirceana, em processos de autocompreensão e autocrítica em relação com vários outros agentes que atuam de forma recíproca. Retoricamente, através de semioses que visam processos de identificação entre os *selves*, os sujeitos estão em permanente definição e redefinição através de constantes semioses, produzidas inclusive pelos textos jornalísticos. Em cada texto de Merten, vemos de certa forma como ele deixou se afetar por várias semioses, principalmente do meio cinematográfico, e como ele tenta atingir seu público leitor, tendo em conta os filmes produzidos por esse meio cinematográfico e a realidade social.

Na teoria peirceana (PEIRCE, 2000), o sentido produzido pelos signos é compreendido em relação primeiramente aos diversos tipos de fenômenos, tudo que de alguma forma temos algum tipo de consciência. O autor elaborou as categorias da primeiridade, da secundidade e da terceiridade, para explicar a manifestação e conscientização dos fenômenos no seu caráter intrínseco, relacional e logicamente generalizado. Os sinsignos (que definem o tipo de signo quanto a si mesmo)<sup>4</sup> apresentam em sua definição uma perspectiva para a compreensão dos textos jornalísticos. Estão vinculados à categoria fenomenológica da secundidade. Aparecem como manifestações existenciais concretas em determinado contexto. Os repórteres reúnem em seus textos vários sinsignos que correspondem aos “fatos”, de forma a tornar compreensível um assunto principal abrangente ou acontecimento.

O objeto dinâmico do texto de Merten, compreendido como um signo, é o filme *Pastor Cláudio*, e o objeto imediato vem a ser como o texto do autor apresenta este objeto textualmente. Peirce (2000) definiu o signo com três partes, o signo em si mesmo (representamen), o objeto e o interpretante. O signo, na sua teoria, consiste em algo que está para algum objeto sob algum aspecto de forma a produzir um outro signo, um interpretante, em uma outra mente. O objeto, no entanto, pode ser compreendido como o

---

<sup>4</sup> O signo, conforme a teoria peirceana (PEIRCE, 2000; SANTAELLA, 2000), constitui-se pela relação estabelecida entre si mesmo (representamen), o objeto e o interpretante (o efeito que produz em uma determinada mente). Os três tipos de signo, conforme a teoria peirceana, quanto ao signo em si mesmo são o qualissigno (primeiridade), o sinsigno (secundidade) e o legissigno (terceiridade). Quanto à sua relação com o objeto são respectivamente o ícone, o índice e o símbolo. Quando ao interpretante que produzem são rema, dicente e argumento.

objeto dinâmico, que está fora do signo, mas que o signo intermedia através do objeto mediato, que consistem nos aspectos que o tipo de signo é capaz de mediar desse objeto dinâmico.

Ao analisar o texto de Merten, percebe-se a elaboração textual como um objeto imediato, constituído por aspectos do filme ou relacionados ao filme. Temos acesso ao objeto dinâmico, o filme, através das escolhas sógnicas que o autor faz ao longo do texto. No contexto jornalístico, estas escolhas têm sobretudo o caráter de sinsignos ou símbolos dicentes, pois as palavras – a partir de um sentido generalizado, uma convenção - servem para manifestar que há ocorrências concretas que produzem sentido em relação ao filme.

## 2. Análise da reportagem

Entre os destaques gráficos da reportagem, o título do texto afirma: “ ‘Pastor Cláudio’ expõe crimes da ditadura militar”. A linha de apoio diz o seguinte: “Beth Formaggini vai além do resgate histórico e mostra como o horror autoritário permanece vivo no Brasil atual”. A legenda que identifica uma das cenas do documentário descreve: “Diante das câmeras, o entrevistado conta e assume o que foi capaz de fazer”. É importante observar como o linguajar jornalístico apresenta várias informações como ações concretas que se dão no tempo presente, como se vivenciássemos os eventos na medida em que lemos o texto. Aí está o caráter de sinsigno, e que vincula a semiose jornalística à categoria fenomenológica da secundidade. “Crimes da ditadura militar”, “resgate histórico”, “horror autoritário”, “Brasil atual”, e “entrevistado... assume o que foi capaz de fazer” são dados como sinsignos capazes de remeter à experiência de ver o filme, mas que estão carregados de semioses pré-existentes, possíveis de serem compartilhadas pelos leitores do texto.

É significativo também o aspecto de que a vivência do filme como algo que se desenrola em um determinado período de tempo pode ser experimentada em termos de secundidade. A legenda enfatiza que a ação concreta do entrevistado registrada pelo documentário é o principal material semiótico que o filme disponibiliza, tal como uma ocorrência jornalística.

As primeiras palavras do primeiro parágrafo do texto são um interpretante produzido por Merten. Neste caso trata-se de uma semiose produzida pelo autor ao ter contato com o filme. Ele escreve: “Há muita coisa perturbadora em *Pastor Cláudio*”. Essa frase de abertura, de caráter opinativo, já indica o tipo de semiose que será produzida

sobre a produção cinematográfica, levando também em conta os destaques gráficos mencionados anteriormente. É importante observar que, apesar de tratar de um fato, a apresentação de um filme nas salas de exibição de cinema, o jornalismo cultural tem como característica não se ater a mera descrição do acontecimento, e permite-se a produzir posicionamentos críticos ou interpretativos sobre o produto cultural, mesmo que se trate da notícia sobre um filme e não uma modalidade de produto jornalístico que se enquadre diretamente na definição de resenha crítica.

Depois de identificar o título do filme e o nome da diretora, ele apresenta um sinsigno mais complexo, descrevendo uma das cenas que predominam no documentário:

Diante de um quadro com fotos de vítimas da ditadura militar, o hoje pastor – ex-delegado e agente do SNI, Serviço Nacional de Informações, e do Dops, do Espírito Santo -, às vezes nem se lembra do nome das pessoas, mas é categórico. ‘Esse, eu matei’, ‘Esse, incinerei o cadáver’. E Pastor Cláudio conta isso com frieza, essas histórias que pertencem a uma outra vida, ou outra pessoa. Desculpa-se – ‘Eu era uma mula, não tinha visão, só obedecia.’ Reflete – ‘A tortura não acaba porque não teve punição para ninguém’. (MERTEN, 2019, p.C6)

A escolha deste sinsigno, que está na abertura do texto, indica qual vai ser o tom da sequência do texto, questionando a impunidade da violência no período ditatorial. E imediatamente o autor relaciona com o outro sinsigno, o filme *O Silêncio dos Outros*, produzido pelos irmãos Almodóvar sobre a ditadura de Franco, na Espanha, também em cartaz nas salas de exibição na data da publicação do texto. “Ambos os filmes trazem embutidas discussões sobre a Lei da Anistia, nos dois países”, escreve o jornalista. Desta forma, a cultura e consumo cinematográficos também são uma forma de identificação, que aparecerá nesta e outras partes do texto.

Um depoimento da diretora entrevistada, Beth Formaggini, é o próximo sinsigno descrito:

A lei de 1979 permite interpretações ambíguas. Desaparecimento político é um crime eterno. Violações de direitos humanos não deveriam prescrever. Pessoas como o Cláudio deveriam estar presas ou, no mínimo, ser julgadas’, diz a diretora de *Pastor Cláudio*. (FORMAGGINI in MERTEN, 2019, p.C6)

Trata-se de um interpretante produzido sobre a realidade social pela diretora sobre as leis vinculadas aos crimes durante a ditadura militar e sobre o próprio personagem do seu documentário. Leitores que tenham uma compreensão do que foi o período da ditadura militar podem identificar-se com esta semiose que propõe uma conscientização histórica. Depois de apresentar estes sinsignos, o jornalista produz um interpretante que busca estabelecer semioses em relação à realidade social mais imediata, relativa aos

---

acontecimentos recentes, especialmente à eleição do presidente da República Jair Bolsonaro; e, ainda, algo que é inerente ao seu dia a dia profissional, a preocupação em relação a como mais um filme brasileiro poderá estabelecer sintonia com os públicos:

No Brasil em que um presidente se elegeu fazendo o elogio da tortura durante o regime militar, um filme como o de Beth corre o risco de atrair somente um tipo de espectador já (in) formado sobre tudo o que conta o criminoso pastor. (MERTEN, 2019, p.C6)

Esta passagem – que se trata de um interpretante produzido pelo autor do texto a partir dos sinsignos citados - reflete a dificuldade que o jornalista observa para que as produções do cinema nacional politicamente significativas alcancem uma maior audiência.

Voltando ao filme, o texto traz um sinsigno que se refere à sua produção, citando que há um “diálogo com o psicólogo e ativista de direitos humanos, Eduardo Passos”. O entrevistador que participa do documentário é apresentado como “um especialista em apoio a pessoas que sofreram violência do Estado”. O texto também informa que Cláudio Guerra já havia prestado depoimentos à Comissão da Verdade<sup>5</sup> de 2014 e que há um valor simbólico dessas declarações voltarem a ser dadas diante das câmeras que produziram o documentário.

Os signos do texto, assim como o próprio filme, são melhor compreendidos tendo a experiência colateral do período histórico da ditadura militar, de forma a produzir semioses. Em função disso, neste texto, o autor descreve sinsignos combinados com interpretantes que são produzidos sobre esses mesmos sinsignos a partir da sua vivência da história. Na sequência do texto, afirma-se:

Não é a violência de um maluco isolado, mas de toda uma estrutura que foi montada no País, durante o regime militar. Pastor Cláudio admite que recebeu treinamento de especialistas norte-americanos, e que havia intercâmbio entre serviços de segurança do Brasil e dos EUA (MERTEN, 2019, p.C6).

Os próximos sinsignos apresentados deixam de buscar a identificação com o leitor tanto pelo contexto histórico, mas pela própria cinematografia que remete a essa cronologia dos fatos. A colaboração do Brasil e dos EUA durante o período da ditadura leva o jornalista a mencionar que o “cinéfilo dispõe de *Estado de Sítio*, o longa de Costa Gravas”, com a história do “agente do FBI que foi contratado para treinar as polícias do

---

<sup>5</sup> “A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988” (COMISSÃO, 2019)



---

Brasil e do Uruguai, ensinando métodos de tortura que se disseminaram nos dois países, resultando em inúmeros casos de violações de direitos humanos” (MERTEN, 2019, p.C6).

Também é citado o filme *Cidadão Boilesen*<sup>6</sup>, de 2009, dirigido por Chaim Litevsky, “sobre o empresário dinamarquês radicado no Brasil que arregimentou apoio para a ditadura e fundos para seus sicários”. A citação sublinha a importância e a polêmica de uma das declarações de Cláudio Guerra no documentário, “de que os financiadores do golpe de 1964 continuam na ativa, e são os mesmos” (MERTEN, 2019, p.C6).

Considera-se que a menção nesta reportagem ao filme *Cidadão Boilesen*, um sinsigno, corresponde não só à ênfase de um aspecto do documentário em questão, o financiamento por empresários das ações de repressão, como também vale pela lembrança do título em si como significativo para a compreensão da realidade social brasileira. Assim, como outros filmes, ele precisa ser lembrado e citado, para ser visto e revisto, e não passar a ser mais uma *dead letter* (PETERS, 1999), uma carta que não chega às mãos do destinatário, a sociedade brasileira.

O texto informa que a entrevista do documentário *Pastor Cláudio* foi gravada durante quatro horas em 2015. A ideia teve origem com o contato da diretora com a viúva de um homem desaparecido durante a ditadura militar e a coincidência do seu nome aparecer nos depoimentos de Cláudio Guerra na Comissão da Verdade. A partir das interrogações da viúva quanto ao destino do seu marido, a diretora preparou o contato com o ex-delegado e ex-agente do Serviço Nacional de Informações.

O jornalista deixa claro em seu texto que o conteúdo da entrevista com Guerra é o aspecto mais importante do filme. Escreve que tão “forte é o tema que quase não sobra espaço para discutir as opções estéticas de Beth”. Em algumas frases, o jornalista se detém em descrever sinsignos que se voltam à produção e a identificação da diretora. “Naquelas quatro horas de entrevista, planejadas em detalhe anteriormente, ela previu tudo. Usou quatro câmeras. Nada lhe escapa. Beth aprendeu muito com Eduardo Coutinho, com quem trabalhou” (MERTEN, 2019, p.C6). As “quatro câmeras” são um sinsigno que corresponde à preocupação da diretora de capturar todos os detalhes e possíveis perspectivas das horas compartilhadas pelo entrevistado na gravação de seu depoimento.

---

<sup>6</sup> “Documentário sobre a vida de Henning Boilesen (1916-71), dinamarquês que imigrou para o Brasil e fez longa carreira como executivo, chegando a presidir a empresa Ultragás. Adversário radical do comunismo, Boilesen colaborou com o golpe de 1964 e auxiliou as forças de repressão da ditadura, financiando e reunindo empresários para apoiar grupos paramilitares” (BALADI, 2013, p.335).

---

O sinsigno “Eduardo Coutinho”<sup>7</sup> é um verdadeiro símbolo da cultura cinematográfica brasileira, cuja ampla obra documental é caracterizada por “valorizar o momento da entrevista”, buscando a revelação das personalidades entrevistadas (MATTOS, 2018, p. 478).

O documentário *Pastor Cláudio* tem um caráter confessional e mostra a necessidade de elucidação dos fatos por parte de todos os envolvidos durante a ditadura militar, inclusive os que deveriam ser julgados por seus crimes. Desta forma, percebe-se que a história é uma contínua produção de ações sógnicas, ora levando em conta sinsignos ou índices, signos que mostram uma ligação material com os episódios, ora levando em conta os signos interpretantes produzidos por quem vivenciou essa realidade.

### 3. Tentativas de novas semioses

Este documentário ganhou maior relevância diante das manifestações públicas do presidente Jair Bolsonaro uma semana após a publicação do texto de Luiz Carlos Merten. O mesmo jornal publicou na editoria de Política a matéria com o título “Bolsonaro estimula celebração de 64” (MONTEIRO, 2019, p.A8), descrevendo que o presidente orientou a comemorar o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart como uma “data histórica”. Desta forma há uma tentativa de criar uma outra semiose sobre o episódio, de forma a ressaltar o período como um grande feito do setor militar, que, em 2019, passou a ocupar o maior número de ministérios desde o período da ditadura (1964-1985). Em outra notícia três dias após, o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão afirmou que o período foi um “fato histórico”, “o ápice das intervenções militares durante a história da República”. Na mesma notícia, o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, diz que “não houve um golpe”, mas “um movimento necessário para que o Brasil não se tornasse uma ditadura” (PARA BOLSONARO, 2019, p.A4). Há clara tentativa de produção de novas semioses a partir do mesmo objeto dinâmico do documentário, mas invertendo os sentidos de forma a produzir outros interpretantes do tipo argumento. São ignorados os diversos sinsignos, que tem levado à compreensão deste período, especialmente aqueles apresentados pelo documentário em questão.

---

<sup>7</sup> Entre os principais trabalhos de roteiro e direção de Eduardo Coutinho (1933-2014) estão os filmes *Cabra Marcado para Morrer* (1984), *Santo Forte* (1999), *Babilônia* (2000), *Edifício Master* (2002), *Jogo de Cena* (2007) e *As Canções* (2011).

---

Em consonância com o documentário *Pastor Cláudio*, o texto da jornalista Tânia Monteiro (2019) evidencia a polêmica que a atitude presidencial causa, lembrando da necessidade de autocrítica dos militares, já que o “período ficou marcado pela morte e tortura” dos que se opuseram ao regime. A outra notícia esclarece que segundo “dados da Comissão Nacional da Verdade, 434 pessoas foram mortas pela repressão militar ou desapareceram durante a ditadura” (PARA BOLSONARO, 2019, p.A4).

O texto jornalístico da área editorial de Política também informa que a ex-presidente Dilma Rousseff, “ex-militante torturada no regime ditatorial” (MONTEIRO, 2019, p.A8), orientou os militares para a não comemoração da data em 2011, uma ação diametralmente oposta à do atual presidente. Outra informação importante da reportagem é que a “suspensão da festa em comemoração a 1964 por Dilma coincidiu com a criação da Comissão Nacional da Verdade”. Ironicamente, apesar da situação relatada através do filme *Estado de Sítio*, citado por Merten, foi a Organização dos Estados Americanos (OEA), sediada nos Estados Unidos, que pressionou para a criação dessa Comissão. A OEA “condenou o Estado brasileiro pelo desaparecimento de guerrilheiros na região do Araguaia, e da Justiça Federal, que cobrava a entrega de restos mortais e familiares de vítimas da ditadura” (MONTEIRO, 2019, p.A8).

O filme *Pastor Cláudio* produz uma semiose diretamente relacionada à situação relatada pelo texto de jornalismo político, uma vez que a criação da Comissão Nacional da Verdade poderia levar à perseguição de militares envolvidos nos crimes da ditadura militar. “O relatório final [da Comissão] foi entregue em dezembro de 2014 e considerado um fiasco por pesquisadores e parentes de desaparecidos políticos”, informa o texto jornalístico (MONTEIRO, 2019, p.A8).

#### **4. *Dead Letters***

Filmes como *Pastor Cláudio*, sujeitos ao sistema de distribuição e de exibição, correm o risco de serem vistos por poucos espectadores, como se fossem uma carta que não chegasse ao seu destinatário. Ao tratar da história da comunicação, o autor John Durham Peters (1999) dá uma especial atenção ao desenvolvimento dos serviços postais, percebendo-o como um passo importante no sentido de estabelecer uma nova forma de diálogo entre os sujeitos. Inicialmente as cartas não eram necessariamente privadas, podendo ser usadas para a obtenção de informações de interesse público, ganhando pouco a pouco o caráter privado que têm hoje. Em 1825, o Serviço Postal dos Estados Unidos

---

criou o *Dead Letter Office*, que pode ser traduzido como o “escritório das cartas mortas”, coletando toda a correspondência com problemas de endereçamento (PETERS, 1999, p.168). Segundo o autor, o problema das *dead letters* não é que as mentes falhem em compartilhar significados, mas que os seres mortais falhem na tentativa de contato.

Ao longo de sua obra, Peters (1999) trabalha com as ideias de disseminação e diálogo, como dois eixos que constituem a comunicação. No seu ponto de vista as *dead letters* lidam com a materialidade da comunicação, que consiste também no encontro de corpos cuja realidade é contextual. A realidade social brasileira consiste em problemas vivenciados materialmente pelos indivíduos, cujos corpos coexistem em condições materiais e, é neste sentido que as mensagens têm também uma condição material e são produzidas retoricamente de forma a chegar aos seus destinatários.

Dessa forma, tanto o texto jornalístico como o filme são tentativas de encontro com as audiências no sentido de produzir semioses em relação à realidade social de que fazem parte. A atitude retórica de Merten ao produzir endereçamentos pelos processos de identificação, seja pelo contexto histórico, seja pelo contexto cinematográfico, nem sempre consegue chegar aos seus destinatários e ainda mais produzir novos encontros com o compartilhamento da mesma experiência de ver os filmes tratados em seus textos. Em boa parte do que se faz em termos de comunicação, tanto no jornalismo. como no cinema, está sujeito a não ultrapassar a sua condição de um texto ou audiovisual gravado e disponível, mas que não chega necessariamente à sua audiência.

O termo “realidade social” é usado neste artigo levando em conta que a “realidade” é uma construção semiótica produzida continuamente, da qual fazem parte todas as produções de sentido relativas à vida em sociedade, interessando aqui especificamente mais aquelas produzidas pelo jornalismo e pelo cinema. No caso do texto analisado, houve a coincidência de ocorrer uma disputa de sentidos em função dos 55 anos da ditadura militar, de tentativas de produzir novas semioses sobre o mesmo objeto dinâmico.

Com a multiplicação de tecnologias midiáticas tanto o jornalismo como o cinema estão fortemente tencionados especialmente pela difusão de mensagens nas redes sociais. O jornalismo e o cinema ainda exigem uma atenção diferenciada do público – com o acesso específico às publicações e o comparecimento às salas de exibição - e têm persistido chegando aos leitores e espectadores inclusive através das suas réplicas nas redes sociais ou meios digitais. Os meios digitais, no entanto, contribuem para que cada

vez mais se tornem *dead letters*. ora pela dificuldade de percepção em meio à multiplicidade de mensagens, ora pela concorrência retórica entre todas essas mensagens, o que merece um número cada vez mais amplo de novas pesquisas.

Neste estudo fica evidente a importância retórica da autocompreensão e autocrítica por parte do jornalista cultural em relação aos diversos agentes com os quais ele constitui o seu ato comunicativo através da produção sógnica do texto. Ele se constitui como sujeito a cada texto produzido em uma relação de comunicação com vários agentes. O jornalista produz um posicionamento crítico através de produção textual, a partir da identificação e descrição de vários sinsignos e a produção de interpretantes. Luiz Carlos Merten busca produzir sentido em relação ao produto cinematográfico diante da realidade social. Ao mesmo tempo, sua atividade retórica contribui para a construção dessa mesma realidade social, especialmente quando compreendida semioticamente e envolvendo a disputa de sentidos.

---

### Referências bibliográficas

BALADI, Mauro. **Dicionário de cinema brasileiro:** (filmes de longa metragem produzidos entre 1909 e 2012). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COLAPIETRO, Vincent. M. C. S. **Peirce's Rhetorical Turn**. Transactions of the Charles S. Peirce Society, Bloomington (Indiana), v. 43, n.1, p. 16-52, 2007.

COLAPIETRO, Vincent. M. **Peirce e a Abordagem do Self:** Uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana. São Paulo: Intermeios, 2014.

COMISSÃO Nacional da Verdade. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

HERMES, Gilmar Adolfo. **O procedimento retórico de identificação nas semioses jornalísticas sobre filmes**. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais... . São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1169-1.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MATTOS, Carlos Alberto. Documentário Contemporâneo. In: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova História do Cinema Brasileiro:** Volume 2. São Paulo: Sesc, 2018, p. 474-513.

MERTEN, Luiz Carlos. 'Pastor Claudio' expõe crimes da ditadura militar. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. C6, 18 mar. 2019.

---

MONTEIRO, Tânia. Bolsonaro estimula celebração de 64. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. A8, 25 mar. 2019.

PARA BOLSONARO, regime militar teve ‘probleminhas’. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. A4, 28 mar. 2019.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PETERS, John Durham. **Speaking into the Air**: a history of the idea of communication. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: Como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.